

CARTOGRAFIAS E NARRATIVAS DA APA BACIA DO COBRE/SÃO BARTOLOMEU, SALVADOR/BA : EXPERIMENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM INTERCONHECIMENTO.

Caroline Silva Souza

Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia

Igor Bunchaft Ribeiro

Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia

Íris Priscila Nunes Oliveira

Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia

Resumo

O local estudado: Área de Proteção Ambiental Bacia do Cobre/São Bartolomeu, é uma área remanescente de Mata Atlântica que se localiza no Subúrbio Ferroviário da cidade de Salvador, área majoritariamente negra e que tem sua história intrinsecamente ligada aos povos originários e aos povos negros. O território é marcado pelos processos de urbanização do século XIX com a implementação da Estrada de Ferro da Bahia ao São Francisco, e com a abertura da Avenida Suburbana no século XX, além de ter sido local de batalha durante o movimento de Independência da Bahia. É pulsante a relação da religião de matriz africana e a subsistência de milhares de habitantes que permanecem nas bordas da área delimitada como APA Bacia do Cobre - São Bartolomeu. Dentro da poligonal da área de proteção ambiental existem três parques: Lagoa da Paixão, Parque metropolitano de Pirajá e o Parque São Bartolomeu. O presente trabalho foi construído a partir de experimentações metodológicas baseadas em demandas existentes no território estudado e mostrado através de um interconhecimento para entender as estruturas sociais e espaciais presentes. Como instrumento metodológico foi utilizado Cartografias e Narrativas.

Discussões metodológicas

A proposta metodológica, desenvolvida a partir das proposições de um Interconhecimento e de uma Ecologia de Saberes, é apresentada neste texto em uma redação conduzida cronologicamente, opção que busca evidenciar o percurso de aprendizagem ao decorrer do trabalho.



Imagem 1. Elaborada pelos autores.

Princípios teóricos e questões norteadoras

As proposições de um Interconhecimento e de uma Ecologia de Saberes são colocadas por Boaventura de Sousa Santos (2007) no ensaio “Para além do Pensamento Abissal: Das linhas Globais a uma ecologia de saberes”. Em seu texto ele critica a monocultura da ciência moderna que boicota o reconhecimento de outros saberes e impede o conhecimento para além da linha abissal que ela mesma traça. A ecologia dos saberes é

então apresentada como uma valorização desses outros conhecimentos, fundamentais para entender as perspectivas presentes do outro lado da linha:

(...)reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento. (2007, pg.23).

Tais proposições, incorporadas enquanto princípios teórico-metodológicos, conduziu a um caminho de experimentações na tentativa de construção da metodologia. Nesse momento foram identificadas questões que manifestassem visões locais dos operadores do território obtidas a partir da assimilação de considerações do movimento social Guardiões da APA Bacia do Cobre/São Bartolomeu. Entre as considerações expostas estava a necessidade de cartografias que tornassem evidentes pontos “visíveis e invisíveis” do território, demanda que revelou a cartografia enquanto ferramenta para uma leitura territorial coletiva.

Paralela à cartografia estão as narrativas, abordagem que partiu da consideração de que o território carrega uma história relacionada a povos negros e indígenas, marcado por processos de lutas e constante resistência, bem como pela pouca quantidade e visibilidade de registros dessas histórias, e da pouca debatida contribuição dessas pessoas para manutenção, construção do Parque e da cidade. Essas narrativas poderiam ser acessadas através da oralidade, e então serem cartografadas.

Assim, foi formulada uma metodologia de leitura territorial, denominada “Narrativas e Cartografias do Parque São Bartolomeu”, propondo a escuta de indivíduos cuja história de vida e discurso são marcados pelo Parque São Bartolomeu. O primeiro momento de escuta, depois a transcrição de suas narrativas orais para a apresentação de textos com trechos integrais de suas falas e a espacialização/mapeamento dessas narrativas em cartografia a ser apresentada em camadas, sobrepostas a outras informações sejam elas colocadas pelos sujeitos entrevistados, levantados em campo ou por fontes secundárias.

A metodologia previu um primeiro momento de aproximação, chamada de fase exploratória, se estendendo até a realização da escuta de uma

pessoa chave, que acreditamos ser um momento de inflexão do trabalho, no sentido de validação e revisão das questões norteadoras e metodologia preliminares a partir da contribuição de uma operadora fortemente vinculada ao tecido social local; e um segundo momento, de aprofundamento da leitura territorial, pesquisa bibliográfica e reflexões, em que seriam desenvolvidos os temas que se confirmassem ou emergissem do campo na fase exploratória.

Como base para o trabalho a partir de Narrativas, foi lida a tese “Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus” de Gabriela Leandro Pereira (2019, p. 65-73). Especialmente o capítulo “Corpo Discurso e Território”, em que a autora apresenta uma discussão teórica a partir de Rancière, que coloca que “a palavra se empresta a locutores não autorizados [...] circula por toda parte sem saber a quem deve ou não falar, destruindo hierarquias” (*apud* PEREIRA, 2019, p.65); de Carolina de Jesus, que afirma que após sua escrita “Agora eu falo e sou ouvida. Não sou mais a negra suja da favela” (*ibid.*, p.65); a partir de Foucault argumenta que o discurso é significativo “porque é impossível falar sobre saberes sem falar de poder” (*ibid.*, p.65); traz a problematização levantada por Chimamanda Adichie sobre o risco uma “história única” (*apud ibid.*, p. 66). A partir desses e outros teóricos, ressalta a existência de falas não legitimadas e falas legitimadas, e a relevância da literatura produzida nas “margens”, cujos autores, diz, “em sua maioria, vêm de trajetórias de vida nas quais estiveram deslocados dos centros de poder, dos locais de onde tradicionalmente partem os que possuem domínio e legitimidade para narrar, escrever, discursar, ou seja, produzir algum conhecimento reconhecível enquanto elemento de valor pela sociedade brasileira.” (*ibid.*, p. 67).

Assim, compreendemos que, metodologicamente, as Narrativas são um modificação do que se considera o objeto de pesquisa, que deixa de ser o sujeito (muitas vezes o “pobre”, objetificado pelo pesquisador) e passa a ser o discurso produzido por aquele sujeito (expresso sem a necessidade da provocação ou mediação do pesquisador). Então conhecimentos desconsiderados ou considerados apreensíveis somente sob mediação e/ou interpretação são alçados à condição de conhecimentos válidos. Essa proposição reafirmou a coerência metodológica de se trabalhar com Narrativas dentro do princípio teórico-metodológico de construção de um Interconhecimento a que o trabalho se desafiou.

Como referência sobre Cartografias Sociais, foram lidos os capítulos “Apresentação”, de Aurélio Vianna, “Introdução” de Henri Acselrad e “Disputas Territoriais e Disputas Cartográficas”, de Henri Acselrad e Luis Régis Coli, do livro “Cartografias Sociais e Território” organizado por Acselrad (2008, p. 5-43). Em que os autores trazem a cartografia como um discurso político historicamente a serviço do Estado, os mapeamentos participativos como terminologia anglófona para processos de inclusão das populações locais no mapeamento, e as cartografias sociais como terminologia brasileira para processos participativos que levam a disputas cartográficas.

Como nova referência sobre Interconhecimento e Ecologia de Saberes, foi lida a transcrição da palestra “Epistemologias do Sul”, de Boaventura Sousa Santos no Colóquio Internacional Alice (2014); Como referência sobre Territorialidades, em uma perspectiva da Geografia Agrária, foi lido o artigo “Sobre a tipologia de territórios”, de Bernardo Mançano Fernandes, em sua tese de livre-docência “Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico” (2013, p. 168-188).

Momento de aproximação/fase exploratória: georreferenciamento da Trilha Ecológica, e escuta de pessoa chave

Como estratégia para acessar o campo e os possíveis interlocutores das narrativas, foi eleita como pessoa chave para ser entrevistada Débora Carol Luz da Porciúncula, que além de ser moradora do Subúrbio Ferroviária atua no território como profissional e como integrante do movimento social Guardiões da APA Bacia do Cobre São Bartolomeu. A partir dessa interlocução, surgiu como evento-chave, também à aproximação exploratória, a Trilha Ecológica Bacia do Cobre/São Bartolomeu. A trilha fora georreferenciada a partir do uso de aplicativos de localização e da indicação de marcos apontados como relevantes pelos guardiões aos trilheiros. Ambos os registros, bem como dados oficiais e não-oficiais das unidades de conservação, hidrografia, bairros, sistema viário e tensões urbanas ambientais foram incorporados como camadas a um Sistema de Informações Geográficas, utilizando-se o *software QGIS* (QGIS DEVELOPMENT TEAM, 2019).



Imagem 2. Elaborada pelos autores.

Momento de encaminhamentos: aprofundamento das leituras coletivas do território, pesquisa bibliográfica e reflexões

A interação com os trilheiros, com os guardiões e a entrevista com Débora, fizeram emergir novas questões no contexto das cartografias visibilizadas e invisibilizadas do Parque São Bartolomeu: a emergência de cartografias que mostrassem os usos relacionados à Subsistência e a Ancestralidade na APA Bacia do Cobre, o que direcionou o trabalho. Diante disso, foi decidido que seria trabalhada a cartografia a partir de narrativas nascidas desses usos. No sentido desses redirecionamentos, fomos encaminhados a contatar novos interlocutores, que trabalham na administração do Parque e se relacionam com a população que faz esses usos a fim de intensificar a participação na cartografia em desenvolvimento a partir de uma oficina.



Imagem 3. Elaborada pelos autores.

Subsistência

Tomamos como partido para trabalhar o eixo Subsistência as diretrizes: reconhecer os

diferentes usos do solo; formas de proteger os usos ligados à subsistência.

Inicialmente, e ao mesmo tempo em que se articulam as atividades na APA, foi necessário entender o próprio termo Subsistência dentro da área estudada a fim de se construir uma base acerca dele, inclusive, se está correto e sua relação com os diferentes usos praticados. Importante pontuar que a subsistência surgiu como um fator de grande importância dentro do território estudado e que tem influência em toda dinâmica ali presente e praticada pela maioria dos bairros que estão nas bordas da APA.

O termo subsistência está ligado ao que seja essencial para manutenção/sustento da vida. A palavra em latim tem o seguinte significado: *subsistere*, que quer dizer ficar no lugar, permanecer firme. Dentro do universo “subsistência” presente no território se apresenta atividades de o extrativismo vegetal, extrativismo animal, agricultura, criação de vacas, criação de abelhas, construção de hortas. Nas narrativas relacionadas ao extrativismo vegetal encontramos atividades de cata de frutas, cata de folhas, cata de lenha e cata de terra, por exemplo. O território como subsistência está presente em todos os resquícios de história que atravessa o lugar. Primeiro como aldeamento indígena, depois como quilombo e se estende até os dias atuais possuindo interação com todos os bairros da borda da área delimitada como APA Bacia do Cobre - São Bartolomeu.

Desde o início do trabalho, emergiram através de pessoas que convivem na área estudada, os conflitos territoriais presentes. Esses conflitos não aparecem somente no quesito subsistência, mas em todas discussões ambientais, também tange fortemente dentro da esfera da religião de matriz africana praticada em todo território por ser um lugar considerado importante e possuindo diversos pontos sagrados.

Para entender as práticas de Subsistência, que vem se modificando ao longo dos anos, se faz necessário o entendimento da ancestralidade do Território, as mudanças urbanísticas, e a dinâmica que a cidade como um todo possui com o Subúrbio Ferroviário.



Imagem 4. Elaborada pelos autores.

Ancestralidade - Presença Negra

Em seu texto “Parque São Bartolomeu: Esquecimento e Memória”, Gey Espinheira (1998) traz a ideia de “anti-registro” pautado na ideia de esquecimento proposital, por parte da classe hegemônica, no sentido administrativo e urbanístico do Parque São Bartolomeu - um lugar extremamente relacionado ao sagrado afro-brasileiro, a memória dos povos negros, dos povos indígena e a luta pela independência da Bahia. Para o autor, a memória do Parque São Bartolomeu se configura, então, como uma forma de enraizamento histórico cultural e “uma ação no sentido de reforço da cultura popular” e, seria justamente esse caráter popular, o responsável pelo esquecimento que preteriu o negro e o indígena. Diante disso, a progressiva diminuição de aspectos africanos e indígenas no processo de síntese cultural causou o abandono de espaços como o São Bartolomeu, por parte do urbanismo hegemônico.

Nessa conjuntura o autor também aponta a maneira como o espaço foi transformado em mercadoria, uma vez que os investimentos públicos e privados tomaram direções opostas ao Subúrbio, região onde se localiza a APA e, esse movimento migratório economicamente e politicamente dominante acelerou a depreciação dessa antiga área, reorientando os investimentos públicos e tornando a área carente (ESPINHEIRA, 1998).

Os autores aludem as falas de Milton Santos (2008) quando este afirma que o nível de renda também influencia na localização dos indivíduos, pois aqueles que possuem melhores rendimentos tendem a ocupar os locais onde há mais infraestrutura e aqueles que não dispõem dos mesmos recursos, tendem a ocupar os lugares

menos favorecidos. Para João Pena e Laila Bouças (2015), a cidade toma forma mediante a organização da sociedade que a habita, e sendo a nossa cidade desigual e segregada, as relações sociais e institucionais pautaram-se nas mesmas relações de vulnerabilidades e desigualdades.

Segundo o pesquisador do Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia, Antônio Mateus de C. Soares (2007), os territórios de pobreza e riqueza em Salvador possuem pigmentação diferenciada e associada ao poder aquisitivo de sua população. Soares faz coro à Ilse Scherer Warren (2004), quando esta teoriza que a exclusão social é racializada, engendrada, etarizada e espacializada, ou seja, tem cor, gênero ou sexo, idade e localização. A pobreza mais extrema tende a ser preta, feminina, bastante jovem ou idosa e localiza-se nas periferias urbanas”. Para ele, a afirmação de Warren (2004) pode ser aplicada a Salvador, principalmente quando focalizamos as áreas do subúrbio ferroviário e do miolo urbano, claros reflexos da segregação sócio espacial que se configura a partir da produção da cidade enquanto mercadoria.

Dados fornecidos pelo censo do IBGE (2010), que mostram a maior parte do estado da Bahia formado por pessoas autointituladas negras ou pardas. Paralelo a isso, ao observarmos a localização dessas pessoas, é possível notar sua posição de vulnerabilidade dentro do território.

A APA Bacia do Cobre/São Bartolomeu está inserida em uma área majoritariamente negra da cidade de Salvador: o Subúrbio Ferroviário. Além disso, como fora supracitado, o local está intrinsecamente ligado à história do povo negro. Dessa maneira, mostrou-se imprescindível trazer à luz essa discussão neste último momento de trabalho, focado no aprofundamento das leituras.



Imagem 5. Elaborada pelos autores.

Reflexões feitas a partir das leituras coletivas do território:

- Inveracidade do discurso do não uso, repetido inclusive por agentes públicos. Além das trilhas, o Parque possui uma intensa agenda de eventos: saraus, grupos de dança, reforço escolar, curso de música, campeonato baiano de arco-e-flecha, dentre outras atividades.
- A subsistência e a religiosidade como usos insubordinados. Mesmo que sem necessariamente ser uma insurgência explícita, há uma insubordinação implícita à noção de propriedade privada, produção/trabalho, e território, hegemônica pelo sistema que opera o capitalismo neoliberal.
- Territorialidades dos bairros. Além dos próprios limites invisíveis das áreas exploradas por moradores de cada bairro, a oficina, onde houve uma devolutiva nossa para com as lideranças contatadas no meio do percurso do trabalho, trouxe discussões sobre territorialidade, governança e identidade.
- A cartografia social enquanto elaboração coletiva, aflora conflitos e convergências dando uma dimensão política na própria reunião para a elaboração.
- A possibilidade e relevância de se aplicar a tríade Corpo, Discurso, Território usada por Gabriela L. Pereira também ao deslocamento do pesquisador que vai a campo e constrói uma leitura, no caso nós.

Referências

- Henri Acelra. “Introdução.” In *Cartografias Sociais e Território*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.
- Henri Acelra, Luis Régis Coli. “Disputas Territoriais e Disputas Cartográficas.” In *Cartografias Sociais e Território*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.
- Aurélio Vianna. “Disputas Territoriais e Disputas Cartográficas.” In *Cartografias Sociais e Território*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.
- Sherry R. Arnstein. “Uma escada da participação cidadã.” *Revista da Associação Brasileira para o Fortalecimento da Participação: Participe* 2, nº 2 (2002): 4-13.

Valdete Boni, Sílvia Jurema Quaresma. “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.” Em Tese volume 2, nº1 (2015): 68-80.

Henrique Mendes. “Com 15 bairros e 10% da população, subúrbio une beleza e estrutura falha.” G1 Globo. 29 fev. 2015, acesso em 10 dez. 2019. <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/09/com-15-bairros-e-10-da-populacao-suburbio-une-beleza-e-estrutura-falha.htm>.

Urpi Montoya Uriarte, “Podemos todos ser etnógrafos? Etnografias e narrativas etnográficas urbanas.” Redobra: Tumulto 3, nº 10 (2012): 171-189.

Gabriela Leandro Pereira. “Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus.” Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, 2015.

Bernardo Mançano Fernandes. “Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico.” Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, 2013.

Gil Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1989.

Paola Berenstein Jacques, Washington Drummond. “Caleidoscópio: processo pesquisa”. In: Experiências Metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea, Paola Berenstein Jacques, Fabiana Dultra Britto, Washington Drummond, 11-28. Salvador: EDUFBA, 2015.

Boaventura de Sousa Santos. “Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes.” Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 78 (2007): 3-46. <http://rccs.revues.org/753>

Boaventura de Sousa Santos. “Epistemologias do Sul”. In: Colóquio Internacional Alice, sessão Inaugural. Coimbra, 10 de julho de 2014.

Qgis Development Team. QGIS Geographic Information System. Versão 3.6.0-Noosa. Beaverton (EUA): Open Source Geospatial Foundation, 22 fev. 2019. Programa de sistema de informação geográfica. Disponível em: https://www.qgis.org/pt_BR/site/. Acesso em: 1 mar. 2018.